



Nova Identidade



• INFORMATIVO OFICIAL DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO ABC • EDIÇÃO ESPECIAL • MARÇO 2024 •



MULHERES E DEMOCRACIA: UMA HISTÓRIA DE CORAGEM E ESPERANÇA



Cidadania

MULHERES SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES NA LUTA PELA DEMOCRACIA, INCLUSIVE NO SINDICATO



As mulheres sempre estiveram presentes quando o assunto é enfrentar a ditadura para garantir a democracia. Ao longo da história brasileira elas participaram de diversas formas de resistência, nos meios estudantis, sindicais, políticos e em organizações como clubes, comunidades eclesiais e associações. Foram presas, torturadas e mortas. Desafiaram os modelos

impostos: recentemente, o Sindicato participou da organização de atividade sobre o tema das guerrilheiras latino-americanas, resultando em seminário internacional, com representantes de diversos países.

Neste ano, um livro sobre a temática deverá ser lançado no Sindicato já no próximo mês de abril. “A coragem das mulheres é movida pela esperança de me-

lhores dias, para elas e seus filhos. Elas enfrentam diariamente muitas formas de violência, mas resistem, se organizam e conquistam”, destaca o secretário de Comunicação do Sindicato, Belmiro Moreira, que participa da organização do evento - em breve, todas as informações sobre a atividade estarão disponíveis no site do Sindicato.

Ao longo do ano o tema das mu-

lheres e suas lutas também vem sendo debatido pela entidade em fóruns e discussões, além do projeto Basta! (veja mais nesta edição). Pelo menos dois livros nessa linha foram lançados na última Felisa, no final de 2023: Feminismos, Ações e Histórias de Mulheres, de Maria Amélia Teles, e Guerrilheiras da Palavra: Rádio, Mulheres e Resistência, de Maria Inês Amarante.

Contra a violência

Projeto “Basta!”, da categoria, amplia atendimento pelo País

A categoria bancária é pioneira em muitas frentes, inclusive no combate à violência contra a mulher e na busca pela igualdade de oportunidades. O ‘Projeto Basta! Não irão nos calar!’ foi criado em dezembro de 2019 e, desde então, espalhou-se pelos sindicatos da categoria (inclusive no nosso), atendendo centenas de pessoas.

“Em meio à pandemia, a violência doméstica teve um aumento exponencial, e as bancárias em home office puderam contar com este mecanismo de denúncia e apoio”, aponta a diretora sindical Karin Gonzalez. Os atendimentos envolvem violências físicas, psicológicas, patrimoniais

e sexuais contra mulheres. “O projeto também oferece atendimento para negros e negras em situação de discriminação racial e pessoas LGBTQIA+ vítimas de discriminação motivada pela orientação sexual ou identidade de gênero”, explica a diretora do Sindicato e secretária de Políticas Sociais da Fetec-SP Anaide Silva.

As diretoras do Sindicato já apresentaram o Basta! a vereadoras de cidades da região, sempre com grande receptividade. Se você vive uma situação de violência, seja ela doméstica ou no ambiente de trabalho, entre em contato imediatamente com o Sindicato!



Combate ao assédio para preservar a saúde mental das bancárias

A saúde mental do trabalhador bancário integra as preocupações do movimento sindical, já que a categoria sofre com a imposição de metas abusivas, excesso de horas trabalhadas, abuso de poder por parte dos gestores, assédio dos clientes, entre outros tipos de violências no ambiente laboral. E a situação é ainda mais complicada para as mulheres.

Em geral, elas são as principais vítimas do assédio sexual, das duplas jornadas de trabalho e do sexismo. Com isso, sofrem mais de depressão e de transtornos relacionados a fobias. “Nossa luta por melhores condições de vida e trabalho para as bancárias também reivindica que mais mulheres ocupem cargos de gerência nos ban-

cos, além da importância da ratificação da Convenção 190 da OIT, para se garantir mais mecanismos de proteção aos trabalhadores em geral e principalmente às trabalhadoras no local de trabalho”, aponta a secretária de Esporte e Cultura do Sindicato, Carina Leone.

As mulheres também têm as menores remunerações na categoria: se forem brancas, ganham em média 22,2% menos que os homens - o índice nacional é de cerca de 20%. Se forem pretas, recebem cerca de 40,6% a menos do que os bancários brancos (leia mais sobre o tema nesta edição).

Trabalho de cuidado - As mulheres também sofrem com a sobrecarga do chamado trabalho doméstico e de cuidado. No Enem

2023, o tema foi justamente os desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil. A chamada “economia do cuidado” diz respeito a serviços prestados não só por cuidadores de idosos, pessoas com deficiência, crianças e bebês, como ao trabalho doméstico, sendo ele remunerado ou não, e que muitas vezes é realizado por mulheres como uma “obrigação” na família.

O trabalho de cuidado não é visto porque, culturalmente, ele é chamado de “amor”, ignorando que a divisão sexual do trabalho é produto de uma construção social que traduz a relação de poder dos homens sobre as mulheres.



Pela visibilidade das mulheres negras!

O movimento sindical bancário vem realizando várias iniciativas para defesa dos direitos e visibilidade das mulheres negras no sistema financeiro.

No ano passado ocorreu um fórum específico para a temática racial, em Porto Alegre (RS), com a participação da diretora do Sindicato e secretária de Políticas Sociais da Fetec-SP Anaide Silva. O eixo central foi a importância de mais contratações de negros e negras nos bancos.

Afinal, enquanto 57% da população brasileira é formada por negras e negros, a categoria bancária tem apenas 23,6% em seus quadros. Já a remuneração da mulher preta bancária é, em média, 40,6% menor que a do bancário branco, segundo dados da Rede Bancários do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) com base em números do IBGE e do Ministério do Trabalho.

Nos cargos de liderança nos bancos, mulheres pretas e pardas são apenas 8,8%.

Lei da Igualdade Salarial - “Acreditamos que a lei da Igualdade Salarial entre homens e mulheres (Lei 14.611) deve ser ainda mais benéfica para as mulheres negras, mas será preciso muita fiscalização e cobrança para seu cumprimento”, avalia a secretária de Formação, Inez Galardinovic.

Ela lembra, ainda, que é preciso um olhar amplo na discussão das questões que envolvem gênero e raça no trabalho e na vida, para não existir um limitador que ignore as múltiplas imbricações sociais.

“Como nos ensinam Angela Davis e outras estudiosas das questões feministas, é preciso atenção à interseccionalidade, ou seja, a interação entre os vários fatores sociais que formam uma pessoa, que precisa ter sua cidadania respeitada no sentido mais amplo”, explica.

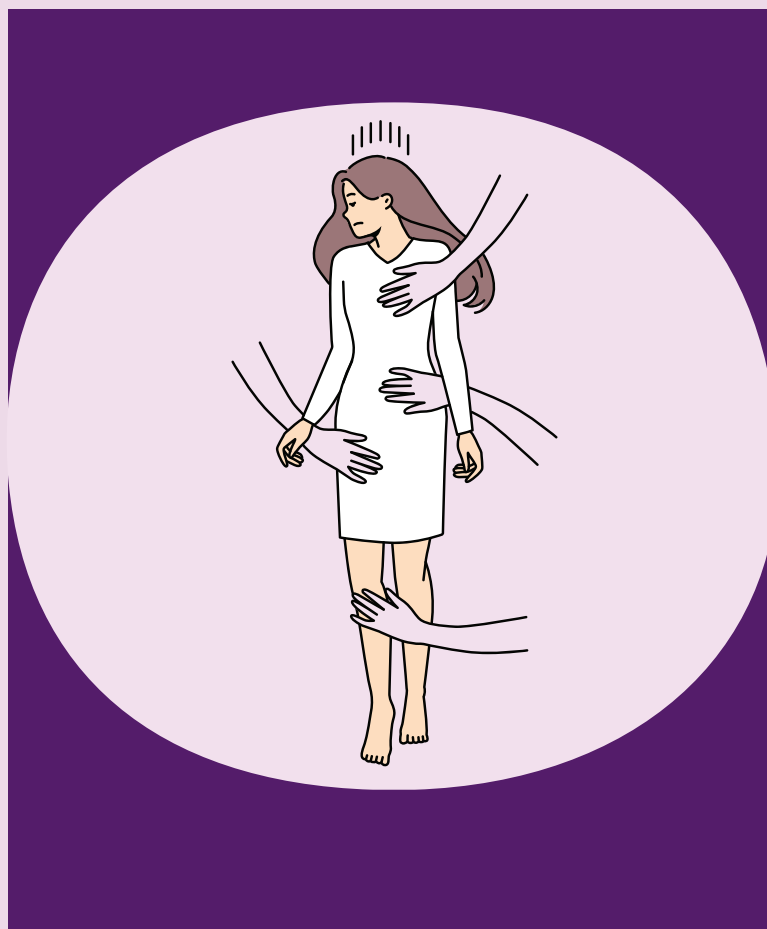
Casos de feminicídio e estupro crescem em SP

O estado de São Paulo registrou em 2023 um aumento nos casos de feminicídio: foram 221 assassinatos de mulheres, contra 195 em 2022 e 140 em 2021. Como se não bastasse, o Estado também teve crescimento nos casos de estupro: foram 14.504 no ano passado, uma média de 39 por dia e alta de 9,5% em relação ao ano passado. São classificados como feminicídio os assassinatos em que as motivações envolvem a condição de a vítima ser mulher, em ocorrências de violência doméstica ou razões misóginas, em que há menosprezo ou discriminação ao sexo feminino.

“Apesar de todos os avanços e da própria lei Maria da Penha, ainda observamos crescimento nos casos de femini-

cídio. Por isso precisamos de muitas ações e iniciativas para combater a violência contra as mulheres, seja em políticas públicas, seja a partir do trabalho de entidades como o Sindicato”, aponta a secretária de Formação Inez Galardinovic.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública de SP em 83,2% dos casos de 2023 a vítima já havia sofrido violência doméstica anteriormente; em 56,1% a mulher tinha uma relação afetiva com o agressor e em 39,3% uma ligação familiar ou de amizade. Já em relação aos casos de estupro, dos 14,5 mil, 11.133 são de vulneráveis, vítimas menores de 14 anos ou cujo estado de saúde as impede de discernir o ato sexual, o que exige emergência nas ações protetivas.



DIRETORAS DO SINDICATO NA LUTA POR DEMOCRACIA E DIREITOS!

INEZ GALARDINOVIC

Secretária de Formação, coordenadora do Coletivo de Mulheres da CUT-ABC e integrante do conselho de diretores da Fetec SP Caixa

CARINA LEONE

Secretária de Esporte e Cultura e integrante do conselho de diretores da Fetec SP Itaú

ANAIDE SILVA

Conselho Fiscal e Diretora de Políticas Sociais da Fetec SP Bradesco

ARIANE CANEVAR DIAS

Conselho de Diretores Santander

CAROLINA RONCON

Conselho de Diretores Caixa

ADRIANA FECHIO MOTTA

Conselho de Diretores Bradesco/Fetec

JULIANA TELES

Conselho de Diretores Caixa/Fetec

ALEXANDRA FORTES

Conselho de Diretores Banco do Brasil/Fetec

JULIANA CONCOSIA GALVÃO

Conselho de Diretores Bradesco / Fetec

ETIENE M. NARDI

Conselho de Diretores Caixa

KARIN DIAZ GONZALEZ

Conselho de Diretores Banco do Brasil

LENIELLE PACIENTE

Conselho de Diretores Itaú

MAGALI SANCHES

Conselho de Diretores Itaú